

ECONOMIA

Quando o Brasil **CRESCE...**

ÍNDICE DE TRABALHADORES COM CARTEIRA ASSINADA ATINGIU O MAIS ALTO PATAMAR DA HISTÓRIA, 55%, REALIMENTANDO O CICLO ECONÔMICO

DÉCADA DA FORMALIZAÇÃO

MARCELO TOKARSKI E
MARIANA FLORES
DA EQUIPE DO CORREIO

242

O mercado de trabalho brasileiro passa nos últimos tempos por uma verdadeira revolução. Ao longo da década de 1990, a economia se expandiu a uma taxa média de apenas 1,64% ao ano. O baixo crescimento levou as empresas à se reestruturarem e enxugarem seus quadros. Foi nesse cenário que ganhou espaço a informalidade. Desempregados, muitos trabalhadores viraram ambulantes, sacoleiros, vendedores, autônomos. Além disso, para reduzir os custos dos impostos, que equivalem a 103% do salário pago ao funcionário, várias empresas passaram a contratar empregados sem carteira assinada. Foi assim que os anos 1990 ficaram conhecidos como a década da informalidade.

Passada a desvalorização do real, em 1999 (quando o PIB cresceu apenas 0,25%), a economia voltou a acelerar. De 2000 a 2006, a taxa média anual de expansão foi de 3,15%, praticamente o dobro da registrada na década anterior. Para suprir a demanda, as empresas precisaram repor seu contingente de mão-de-obra. Logo, as contratações vieram. Mas, ao contrário do que se pensava, o crescimento da informalidade não era uma tendência irreversível.

"Muito se falava que o emprego havia acabado, dando lugar ao trabalho. Essa tese não se comprovou, prova disso é esse aumento da formalização da mão-de-obra", afirma o professor da Unicamp Cláudio Salvadori Dedecca. Para poder competir nos exigentes mercados internacionais, as empresas brasileiras precisaram se adequar às regras trabalhistas. Além disso, os incentivos fiscais

assegurados pelo Simples levaram micro e pequenas empresas a assinar a carteira de seus funcionários. Soma-se a isso o aperto da fiscalização exercida pelo Ministério do Trabalho e surge um novo perfil do mercado de trabalho.

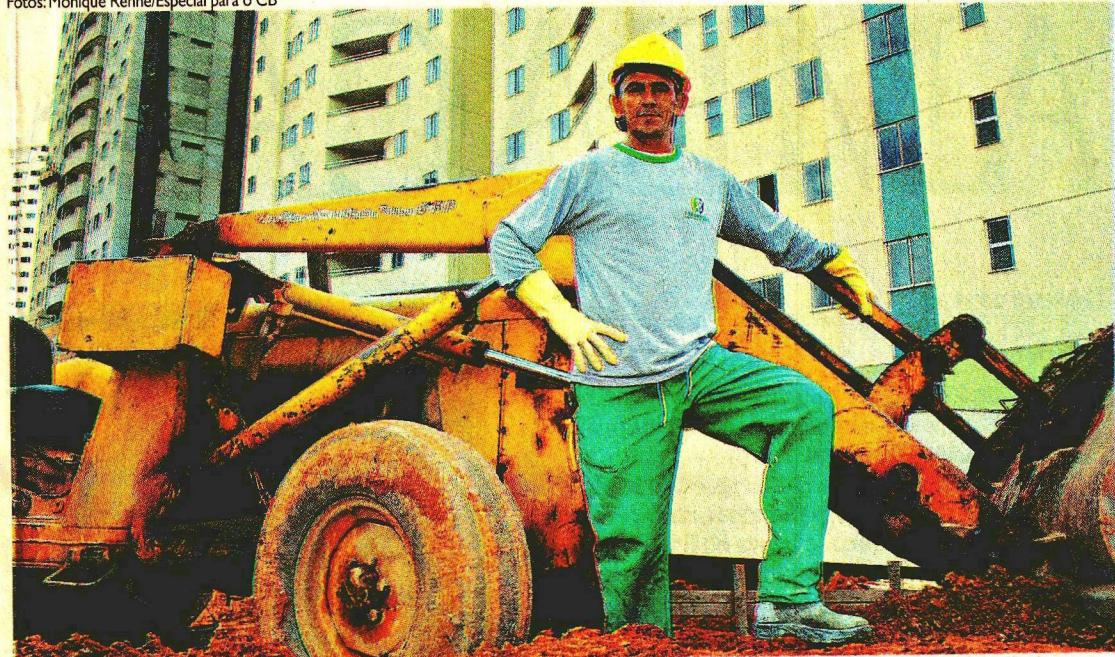
Para alguns economistas, podemos estar vivendo a década da formalização. "Está em curso no Brasil um processo de formalização dos empregados. O índice de formalidade atingiu 55%, o mais alto patamar da história", diz o economista Paulo Mol, da Confederação Nacional da Indústria (CNI). Para ele, esse fenômeno retroalimenta o ciclo de crescimento. "Mais empregos de melhor qualidade aumentam a renda em circulação, o que por sua vez alimenta o consumo e a produção, num ciclo contínuo e benéfico para a economia", resume.

Depois de dois anos se virando com bicos, o pedreiro Leocádio Gomes Neto, de 43 anos, conseguiu em outubro um emprego formal em uma construtora de Brasília. Há dois meses trabalha na construção de um prédio residencial em Águas Claras e acredita que tenha acabado o período de vacas magras, por causa do bom desempenho da construção civil. O carimbo do empregador na carteira de trabalho lhe deu segurança para comprar a sonhada geladeira para a casa onde mora com a mulher e três filhos em Luziânia, cidade goiana localizada no Entorno. Do salário de pouco mais de R\$ 1 mil, R\$ 202 estão comprometidos até setembro, quando terminam as prestações. "Estando fichado tenho a segurança de comprar, agora sei que terei um salário no fim do mês", comemora.

Bom ambiente

A melhora qualitativa está atrelada ao processo de redução dos juros. No final da década de 1990, a taxa básica (Selic) chegou ao pico de 45% ao ano.

Fotos: Monique Renne/Especial para o CB



LEOCÁDIO GOMES NETO, DE 43 ANOS, FAZIA BICOS COMO PEDREIRO E CONSEGUIU UMA VAGA FORMAL EM OUTUBRO

Hoje, está em 11,25%, o mais baixo patamar da história. De acordo com José Celso Cardoso Júnior, do Ipea, essa trajetória de queda melhorou significativamente o ambiente de negócios. "Com isso, o empresariado se sente mais disposto a investir, tem mais acesso a crédito e prevê contratações mais duradouras, o que explica boa parte do aumento da formalização do mercado de trabalho", afirma.

Um estudo do pesquisador mostra bem essa revolução no mundo do trabalho. De 2001 a 2005, a população ocupada cresceu 2,5 vezes mais que no período 1995-1999. Na segunda metade da década passada, o emprego com carteira assinada aumentou apenas 3,1%. Na primeira metade da atual, o ritmo foi bem mais forte: 20,5%. O levantamento mostra que, de cada 100 novas ocupações geradas entre 2001 e 2005, 50,5% foram com carteira. No período anterior, foram apenas 13,5%.

"Claramente, aconteceu de parte expressiva dos empregos sem carteira assinada ter se formalizado, pois a taxa de crescimento dos sem-carteira caiu de 17,2% para 10,1% entre os dois subperíodos

analizados, fazendo com que essa categoria reduzisse sua contribuição no total das ocupações geradas de 37,9% para 14,6% entre os dois subperíodos", diz um trecho do estudo.

"É uma melhora qualitativa importante. Além de abrir mais oportunidades, o mercado está criando vagas de melhor qualidade, com direitos trabalhistas assegurados e maior renda", reforça a economista Cláudia Oshiro, da consultoria Tendências. De acordo com o IBGE, a renda do trabalhador formal nas seis principais regiões metropolitanas brasileiras está hoje em R\$ 1.102,02, contra R\$ 730,85 pagos aos informais. Uma diferença de 50%. Somente no ano passado, de acordo com informações da Relação Anual de Informações Sociais (Rais), a renda do trabalhador formal brasileiro cresceu 5,8% acima da inflação.

Para o ministro do Trabalho, Carlos Lupi, a expansão do mercado formal demonstra a confiança que as empresas têm no crescimento da economia. "Há setores que anteciparam as contratações de fim de ano. Ninguém antecipa se não tiver confiança de que a demanda existe", afirma.